

PIB desacelera no 2º tri e deve perder mais fôlego no segundo semestre

Alta de 0,5% tem retração do consumo das famílias e é puxado por setores não cíclicos, alta pontual do agronegócio e indústria extrativa

Por [Alessandra Saraiva](#), [Eduardo Belo](#), [Grace Vasconcelos](#), [Lucianne Carneiro](#), [Marcelo Osakabe](#), [Marta Watanabe](#), [Rafael Rosas](#) e [Rafael Vazquez](#) — De São Paulo e do Rio

02/09/2026 05h00 - Atualizado há 9 horas

Mesmo com alta levemente acima do esperado, o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) do país no segundo trimestre revela intensa desaceleração na sua composição. Num contexto de alto endividamento e juros ainda elevados, a atividade, do lado da oferta, foi puxada por setores não cíclicos, ou seja, menos sensíveis à política monetária, como agropecuária e indústria extrativa. Do lado da demanda, o consumo das famílias recuou, os investimentos desaceleraram e o setor externo subtraiu PIB, com contribuição positiva maior da alta de estoques e um pouco menor do consumo do governo.

Os resultados reforçam perspectiva de atividade próxima da estagnação nos próximos dois trimestres, segundo economistas. A herança estatística calculada pelos depois da divulgação dos dados do segundo trimestre é de alta de 1,8% do PIB em 2026. Essa herança estatística mostra a variação do PIB no ano no caso de o indicador permanecer no patamar do fim do primeiro semestre.

O PIB cresceu 0,5% no segundo trimestre ante os três meses anteriores, com ajuste sazonal, segundo divulgou nesta terça-feira, 1º, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da desaceleração em relação ao período de janeiro a março, quando cresceu 1,1%, também na variação trimestral, o crescimento do PIB ficou ligeiramente acima da alta de 0,4% da mediana de 62 projeções coletadas pelo **Valor** de consultorias e instituições financeiras, em estimativas que foram de 0,2% a 0,7%, sempre em variações positivas.

Do lado da oferta, a atividade foi puxada por agropecuária, com alta de 2,8% no segundo trimestre antes os três meses anteriores, acima da alta de 2,3% observada de janeiro a março. A indústria e os serviços desaceleram para 0,1% e 0,2%, nessa ordem. No trimestre anterior cresceram 1,2% e 0,4%, respectivamente.

O resultado na agropecuária deveu-se principalmente ao aumento da produção de soja, diz Rodolfo Margato, economista da XP. “Mas as perspectivas para o agro são menos favoráveis no próximo trimestre, em parte devido aos efeitos do El Niño na produtividade das safras”, alerta.

“A Selic deve permanecer em patamar restritivo, na casa dos dois dígitos, por algum tempo”

— Claudia Moreno

Para Rodrigo Nishida, economista da 4intelligence, não dá para interpretar o PIB do segundo trimestre de forma positiva porque os segmentos mais relacionados ao ciclo econômico, mais dinâmicos, tiveram desempenho geral fraco ou abaixo do esperado. “Os segmentos, na verdade, que puxaram o crescimento, que causaram essa pequena surpresa positiva, são segmentos pouco relacionados ao ciclo.”

Segundo o IBGE, o resultado da indústria foi puxado pela atividade extrativa, que cresceu 3,4% enquanto o ramo da transformação caiu 0,4%. O grupo de eletricidade, gás, água e esgoto e o de construção também recuaram, em 1,1% e 0,4%, nessa ordem, sempre na variação trimestral.

Os setores cíclicos andaram praticamente de lado, com crescimento de apenas 0,1% de abril a junho, na variação trimestral, aponta relatório do Bradesco. Com o crescimento no segundo trimestre, destaca o banco, a agropecuária está 5,1% acima do nível verificado ao fim de 2025. “A indústria extrativa cresce em ritmo relativamente mais acelerado desde o começo de 2025, neste ano especialmente influenciada pela alta do preço do petróleo. Excluídos esses dois setores, o PIB teria recuado 0,1% na variação trimestral”, diz o banco.

Na construção, diz Ana Maria Castelo, coordenadora de projetos da construção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), enquanto a indústria da construção segue em cenário relativamente aquecido, a outra parte do cálculo do PIB, baseada nas reformas feitas por famílias e pequenos empreiteiros, está pressionada pelo patamar dos juros e alto endividamento. Matheus Pizzani, economista do PicPay, observa padrão semelhante em serviços. O crescimento do grupo foi puxado pelos serviços de transporte, que cresceram 1,1% no segundo trimestre, ante os três meses anteriores, fortemente influenciados pela demanda externa por commodities, refletindo o ritmo mais acelerado das atividades não cíclicas.

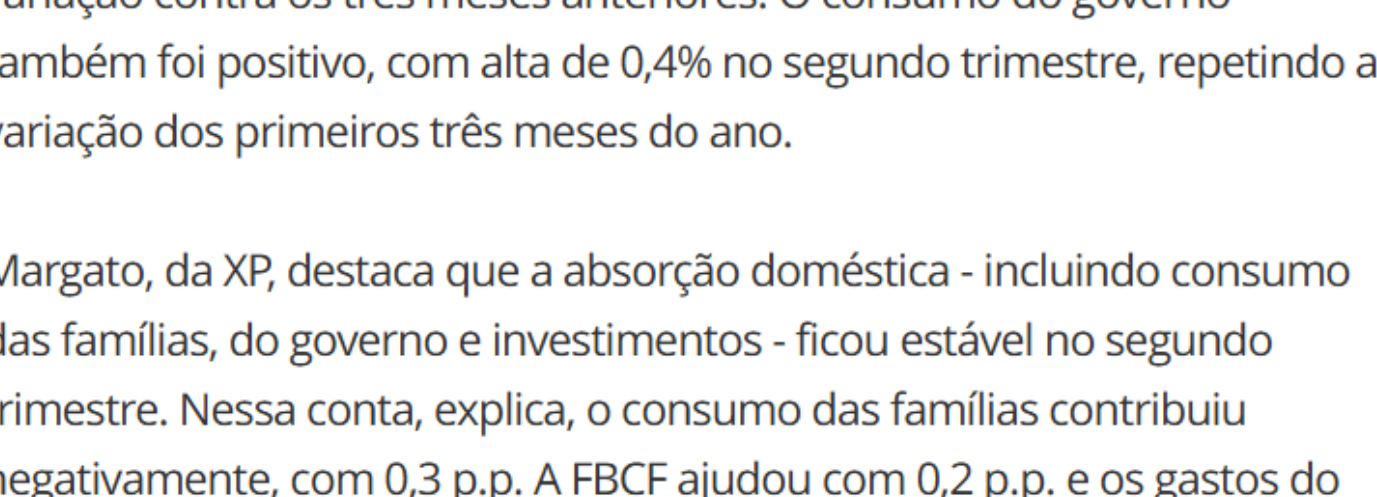
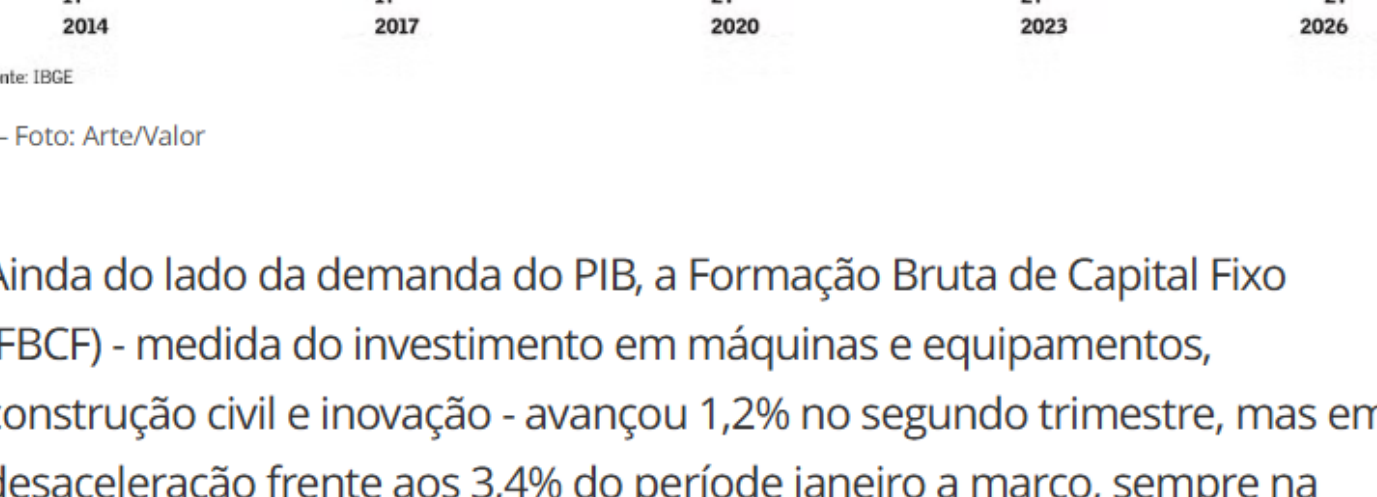
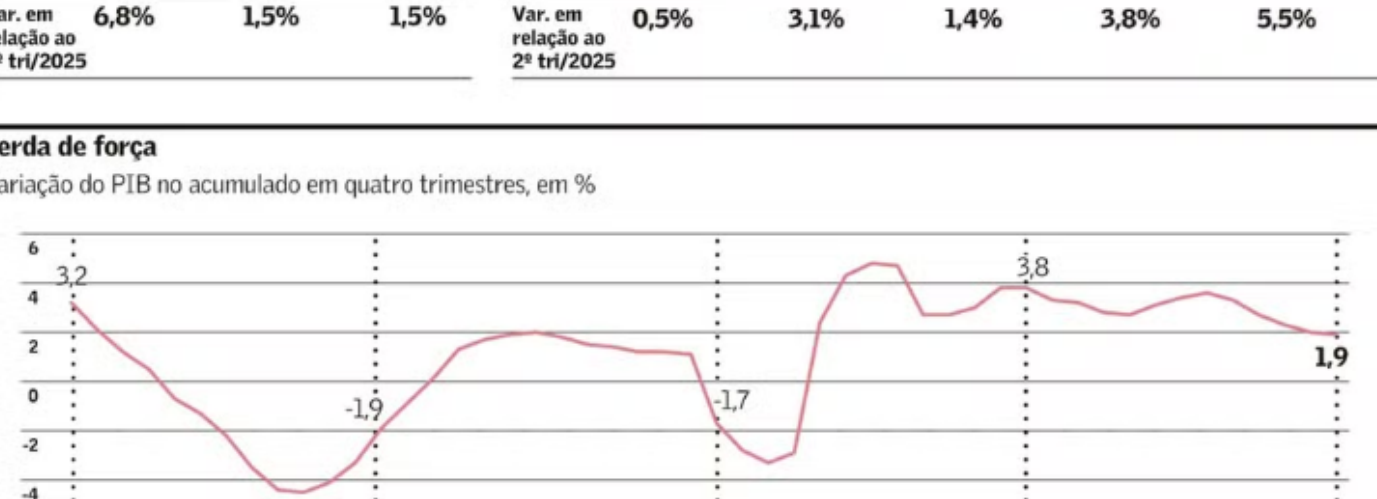
A maior taxa de crescimento dentro dos serviços, ressalta Pizzani, veio da atividade de informação e comunicação, com alta de 2,1%, destaca. “É um segmento pouco sensível ao nível de juros dada a forte influência que possui de áreas pertencentes à fronteira da tecnologia atual, de modo que os lucros normalmente elevados auferidos por empresas deste ramo justificam a manutenção de seus investimentos e expansão do seu valor agregado.”

Fernando Montero, economista-chefe da Tullett Prebon, nota que, olhando o lado da oferta no primeiro semestre, na comparação com igual período de 2025, as três atividades pouco cíclicas do agro, indústria extrativa e serviços de informação contribuíram com 1 ponto percentual (p.p.) do crescimento de 1,86% no PIB a preços básicos nesse período. O PIB a preços básicos considera o valor adicionado, sem incluir impostos e subsídios. No primeiro semestre o PIB total, que inclui impostos e subsídios, cresceu 1,9%, também contra igual período de 2025.

No lado da demanda, o desempenho considerado decepcionante veio do consumo das famílias, que recuou 0,4% de abril a junho frente os três meses anteriores. Mediana de 31 projeções da pesquisa do **Valor** era de alta de 0,6%, já em desaceleração em relação aos 0,8% observados no primeiro trimestre.

Para a economista Alessandra Ribeiro, sócia e diretora de macroeconomia e análise setorial da Tendências, embora o crescimeto do PIB no segundo trimestre tenha atendido às estimativas da consultoria, a abertura dos dados frustrou a expectativa de um consumo doméstico ainda em expansão. “Esperávamos alta de 1,7% no ano contra ano e de 0,3% na margem para o consumo das famílias, mas vimos resultados bem mais fracos e contração na margem. Isso chamou muito nossa atenção”, declara.

A explicação para o descolamento entre o mercado de trabalho ainda forte e o fraco desempenho do consumo reside no estrangulamento financeiro das famílias, diz a economista. Ribeiro indica que o comprometimento da renda familiar com o pagamento do serviço da dívida atingiu a marca histórica de 30% - o maior patamar da série iniciada em 2004. A economista da Tendências pondera que o aumento do endividamento por si só não é negativo, uma vez que economias maduras dependem do crédito sustentável para financiar investimentos e consumo durável. No entanto, a combinação brasileira de juros elevados, prazos curtos e rápida bancarização de famílias de baixa renda sem estrutura e educação financeira gerou um cenário crítico.



Ainda do lado da demanda do PIB, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) - medida do investimento em máquinas e equipamentos, construção civil e inovação - avançou 1,2% no segundo trimestre, mas em desaceleração frente aos 3,4% do período janeiro a março, sempre na variação contra os três meses anteriores. O consumo do governo também foi positivo, com alta de 0,4% no segundo trimestre, repetindo a variação dos primeiros três meses do ano.

Margato, da XP, destaca que a absorção doméstica - incluindo consumo das famílias, do governo e investimentos - ficou estável no segundo trimestre. Nessa conta, explica, o consumo das famílias contribuiu negativamente, com 0,3 p.p. A FBCF ajudou com 0,2 p.p. e os gastos do governo, com 0,1 p.p. Contabilizados separadamente, os estoques, prossegue Margato, tiveram contribuição positiva de 0,9 p.p. na variação do PIB no segundo trimestre. O setor externo tirou 0,4 p.p. A contribuição negativa veio de queda de 0,8% nas exportações e alta de 1,8% nas importações, ainda de abril a junho, na variação trimestral. Rafaela Vitoria, economista-chefe do Inter, ressalta a influência dos setores menos sujeitos à política monetária no crescimento dos investimentos. “O que puxou essa alta [na FBCF] foi a importação de máquinas e equipamentos para a indústria extrativa, para a indústria de petróleo e gás e para o agro. Também se deve ao setor de TI.” Montero, da Tullett Prebon, chama a atenção para a ajuda da variação de estoques. Seus cálculos mostram que, considerando a alta de 2% do PIB no segundo trimestre ante igual período de 2025, a absorção interna contribuiu com alta de 2,3 pontos percentuais do PIB, sendo que a variação de estoques ajudou com 1,1 p.p. nesse cálculo. Nessa comparação, a contribuição externa foi negativa em de 0,3 p.p.

As condições financeiras permanecem restritivas, devido sobretudo à política monetária contracionista, destaca Margato, da XP. “Nesse ambiente, as taxas de inadimplência e o comprometimento de renda das famílias continuam em alta. Além disso, o impacto total dos impulsos fiscais e parafiscais de curto prazo será significativo neste ano, embora menor do que inicialmente projetado”, diz. Na estimativa atual da corretora o impulso deve ser de 1 p.p. do PIB, menor que o impulso de 1,4 p.p. projetado anteriormente.

Apesar da elevada incerteza sobre a condução da política econômica a partir do próximo ano, diz Margato, a avaliação é de que a retirada - ainda que incompleta - do grande impulso fiscal/parafiscal de 2026 será sentida na atividade econômica.

Para os próximos trimestres, diz Claudia Moreno, economista do C6 Bank, a expectativa é de que economia continue perdendo fôlego, refletindo os juros altos. “A Selic deve permanecer em patamar restritivo, na casa dos dois dígitos, por algum tempo, contribuindo para desaceleração gradual da atividade.” A projeção do banco é de alta de 1,7% do PIB tanto em 2026 quanto em 2027.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, espera alta de 1,8% para o PIB em 2026. Os primeiros sinais do terceiro trimestre apontam, diz, para taxa próxima de zero, na variação trimestral. “Podemos ver, eventualmente, uma queda aparecendo no quarto trimestre. Será muito difícil crescer acima de 2% neste ano.”

Os dados do segundo trimestre reforçam cenários de desaceleração para os próximos anos. Com os resultados de hoje, Livio Ribeiro, sócio da BRCG, revisou sua projeção de crescimento para o PIB de 2026 de 1,8% para 1,7%. “Para a frente é que a coisa vai ficando complicada porque a economia dá sinais de desaceleração mais intensa.” Para ele, que também é pesquisador do FGV Ibre, no próximo biênio o crescimento do PIB não deve ficar muito acima de 1% ao ano. O crescimento estimado pela BRCG para o ano que vem, diz, é de alta de 1,1% para o PIB. Para 2028, diz, é 1%. O esfriamento da economia se tornará mais evidente a partir do segundo semestre de 2027, atingindo 2028 fortemente, diz.